

Adiamento da eleição é tramado na sombra

Os políticos se desmoralizam a cada dia, perdem credibilidade e são olhados com desconfiança, mas é preciso que se faça justiça: os únicos culpados por tudo isto são eles próprios. Veja-se o jogo subterrâneo que estão a fazer para prorrogar o mandato dos prefeitos municipais, a pretexto de que é necessário obter a "coincidência de mandatos".

Os inimigos das eleições sempre têm argumentos de sobra para adiá-las. Assim, ora é necessário desfazer a coincidência de mandatos, sob a justificativa de que a massa ignorante tem dificuldade de preencher a cédula, ora convém fazer coincidir as diferentes disputas, "porque uma eleição custa muito caro e no Brasil não sobra dinheiro".

Em vista desse ódio que muitos políticos — e até mesmo não políticos — devotam às eleições, já houve, dois anos atrás, a prorrogação do mandato dos atuais prefeitos e vereadores, que ganharam mais dois anos, além dos quatro para os quais foram eleitos. Ora, seis anos de mandato significam quase um reinado, e as mesmas vozes que anos atrás defendiam eleições diretas em praça pública, e depois silenciaram, voltam agora a soprar nos ouvidos uns dos outros que o Brasil não pode fazer uma eleição para prefeitos em 1988 e outra para presidente da República em 1989.

Arma-se, enfim, o cenário para o adiamento, porque satisfaz aos interesses particulares de forças poderosas que se mostram capazes de tudo para manter os privilégios e as vantagens. O deputado Delfim Netto (PDS-SP), em entrevista dada à imprensa, ontem, fez uma colocação significativa: "Todos esses leões que falavam em eleições diretas não querem mais saber disso. Hoje viraram gatos, estão escaudados e não querem falar em eleição".

Para o parlamentar, tudo indica que não teremos o pleito marcado para este ano. "Acho que é preciso que a Nação saiba que o PMDB tem uma maioria tranqüila no Congresso Nacional e, se não saírem as eleições, o único e exclusivo responsável é o PMDB", diz ele. E acrescenta: "O velho partido das eleições diretas hoje é a favor das 'diretas-nunca mais'. Não vamos aceitar desculpas, não vamos aceitar que agora os benzinheiros do PMDB estejam indo embora para fazer novo partido, como se nada fizessem que ver com tudo isso que está aí. Tem, sim senhor. Foram eles que fizeram isso que está aí, eles é que não querem as eleições. Se esse grupinho, que ameaça sair, estivesse no partido trabalhando para que o partido votasse as eleições, as eleições já teriam sido votadas, pois eles têm maioria tranqüila, maioria absoluta, graças à fraude que foi o Plano Cruzado, praças, realmente, àquele estelionato eleitoral que aplicaram na Nação brasileira, com a conivência do presidente Sarney".

O líder da bancada do PTB em

São Paulo, deputado Barros Munhoz, vai mais longe. Para ele, a prorrogação dos mandatos dos prefeitos e vereadores, a pretexto da necessidade de coincidência com o pleito presidencial, nada mais é do que uma manobra do governador Orestes Quércia em parceria com o presidente da Assembléia Nacional Constituinte, Ulysses Guimarães.

Munhoz parante que dois secretários de Quércia, muito ligados à política municipal — Lincoln Magalhães, presidente da Comad, e Uebe Rezek, secretário do Interior —, estão em franca atividade prorrogacionista, sobretudo junto às bases do PMDB. "Isso não me causa admiração, porque o deputado Ulysses Guimarães já prorrogou inúmeras vezes os mandatos dos dirigentes de seu partido e acabou famoso por sua especialidade em aperfeiçoar casuísticas."

O parlamentar lembra que essa mesma agremiação política colocou o "símbolo da corrupção brasileira, Aníbal Teizetra", no diretório do PMDB de Minas Gerais, por decisão unânime. "Não é de estranhar que agora comece a tirar a máscara e patrocine, covardemente, sua forma de diladura."

Conhecido por sua franqueza, o deputado Erasmo Dias (PDS-SP) afirma que a pretendida prorrogação "é um passo-moleque, uma desculpa de mau pagador, que vai frustrar a expectativa de renovação de mais de quatro mil municípios". Homem de direita, ele diz que "tudo isso não passa de uma 'cathexis'".

Para ele, não existe argumento algum contra as eleições que não possa ser derrubado num debate. Mas não são somente os deputados oposicionistas que se colocam em posição contrária ao jogo de bastidores que tem por objetivo fazer as eleições municipais somente em 1989.

O deputado Luiz Carlos Santos (PMDB-SP), que foi presidente da Assembléia Legislativa, é contrário ao adiamento porque acha que no fundo o que ocorrerá é a prorrogação, mas uma vez, dos mandatos dos prefeitos e vereadores. "Isso mostra a fragilidade institucional e a incrível desorganização política do Brasil."

Cumpre recordar que o prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, também vem defendendo a prorrogação dos mandatos, a pretexto de que "o País não aguentaria uma eleição este ano". Especialista em manobras políticas, ele afirma que não ficará na Prefeitura paulistana um dia além de seu mandato, caso ocorra a prorrogação, mas no fundo percebe-se que não lhe desagradaria continuar no cargo e completar as obras viárias que está realizando na cidade.

O ex-presidente está fazendo papel bufo nesse jogo mas, curiosamente, é o único que tem a audácia de declarar abertamente sua posição. Os demais agem nas sombras, protegidos pelo anonimato. Não se sabe o que é pior.

A. T. C.